



**RODRIGO AMARAL**

TESTAMENTO DA SERRA DO CURRAL 2, LITOGRAFIA EM PEDRA E LITOGRAFIA OFFSET, 2019.

# VIVÊNCIAS DE LUTO EM TRAGÉDIAS E SEUS DESDOBRAMENTOS EM PRÁTICAS SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS DA PSICANÁLISE

TABITHA APARECIDA BATISTA GABRIEL\*

ALEX FERNANDES MAGALHÃES\*

**RESUMO** O presente texto objetiva discutir o processo de enfrentamento do luto em tragédias e a ressignificação dos sujeitos pela manutenção de sua integridade psíquica e social nas vivências e práticas grupais, considerando as contribuições da psicanálise freudiana e seu potencial interdisciplinar. Buscaram-se argumentos que possibilitassem a formulação de hipóteses interpretativas possíveis acerca do referido processo. Com aproximações entre teoria e a realidade de alguns eventos trágicos vivenciados no contexto nacional nos últimos anos, considera-se, como possibilidade interpretativa, a existência de um ciclo que se inicia na eleição de novos objetos de desejo como resposta ao luto e que encontra na grupalidade, pela identificação entre sujeitos e pelas práticas de sublimação possíveis, o suporte para a ressignificação de suas condições de existência.

**PALAVRAS-CHAVE** luto; grupos; identificação; sublimação; tragédias.

## GRIEF EXPERIENCES IN TRAGEDIES AND THEIR DEVELOPMENTS IN SOCIAL PRACTICES: CONTRIBUTIONS FROM PSYCHOANALYSIS

**ABSTRACT** This theoretical essay aims to discuss the process of coping with mourning in tragedies and the subjects' resignification through the maintenance of their psychological and social integrity in group experiences and practices, considering the contributions of Freudian psychoanalysis and its interdisciplinary potential. Arguments were sought in order to make it possible to formulate interpretative hypotheses about the referred process. With approximations between theory and reality of the tragic events experienced in the national context in recent years, one considers, as an interpretative possibility, the existence of a cycle that begins in the election of new objects of desire as a response to mourning and that finds in groupality, through the identification between subjects and through possible sublimation practices, the support for the re-signification of their conditions of existence.

**KEYWORDS** mourning; groups; identification; sublimation; tragedies.

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

## 1. Introdução

Nos últimos anos as situações de tragédia e crise têm se tornado expressivas em nosso contexto social. Minas Gerais, especificamente, foi palco de duas grandes tragédias coletivas, com o rompimento de barragens de rejeito de minério em Mariana (2015) e em Brumadinho (2019), o que tem causado não só consternação e perplexidade em função dos efeitos ambientais, econômicos, sociais e psicológicos juntos aos envolvidos, mas também reflexões e mobilizações quanto a possíveis redefinições dos modelos de gerenciamento, assistência e intervenção (psicológica, organizacional e social) nesses contextos.

Partindo de nosso lugar de pesquisadores e interventores na superação das dificuldades produzidas por tais eventos, como auxiliar os envolvidos? Responder a tal questionamento foi nossa principal motivação na produção deste ensaio teórico, mesmo porque, para além das tragédias mencionadas, experienciamos atualmente, em razão da pandemia de COVID-19, uma série de mudanças nas práticas cotidianas que nos forçaram a um constante trabalho de ressignificação de nossas possibilidades e nossos limites enquanto sujeitos individuais e coletivos.

Reconhecemos ser preciso mudanças em nossas posturas, seja na forma de produção de saberes sobre tais eventos, seja na maneira como se objetivam as práticas de gestão nas estruturas organizacionais e sociais em favor da superação dos nefastos efeitos decorrentes de situações de tragédia e crise. É preciso criticismo e ampliação de olhares e perspectivas, em sentido interdisciplinar, que deem conta da complexidade de tais fenômenos e seus efeitos.

Assim, acreditamos que discorrer sobre as situações de tragédias e crise nos orienta a fazer dialogar áreas do conhecimento que costumeiramente não estão dispostas a objetos comuns, num movimento interdisciplinar. Não buscamos afirmar ou descrever um modelo de enfrentamento de crises, mas interpretar possibilidades no que se refere às experiências dos sujeitos que passam por eventos trágicos como forma de

aprender e construir algum referencial acerca de tais enfrentamentos. Entendemos ser pertinente a compreensão de que a racionalidade é limitada em função de variáveis diversas que servirão de base para a construção dos regimes de pensamento (individuais e coletivos) pelos quais se orientam os sujeitos sociais. Abrimo-nos, assim, às dúvidas e aos novos questionamentos sobre os caminhos (racionais ou não) para que se estabeleçam possibilidades de enfrentamento nas vivências trágicas.

Junto a essa questão se inscreve, então, a pergunta-problema central deste trabalho. Se a busca por novas formas de organização, novos parâmetros para os modos de se viver e existir, torna-se baliza para que a superação possa se efetivar, que outras leituras nos seriam possíveis acerca das vivências de tragédias e crises, para além da proposição de novos modelos de regulação e enfrentamentos das instabilidades?

Pensamos ser bastante complexa a vivência de situações de tragédia, por todas as perdas e limitações que nos são impostas. Dúvidas e incertezas, medo e angústia, revolta e embotamento afetivo são consequências perceptíveis junto aos sujeitos que passam por dolorosas experiências em seu contexto familiar, de trabalho, de configuração vincular nos grupos a que pertencem. Mas apesar de tantas adversidades, os sujeitos se reconfiguram e se reorientam, mobilizam-se para que haja a continuidade de sua existência e para que sejam superadas as limitações que lhes são impostas pelo real (FREUD, 1996a). É essa força de mobilização, que muitas vezes escapa à racionalidade, que se toma como objeto de estudo e análise neste ensaio teórico.

Para tanto, buscamos recorrer a teorias que considerem a complexidade humana (para além da noção de racionalidade cartesiana como característica do sujeito) como suporte central dos argumentos aqui trazidos, evitando-se, assim, incorrer em reducionismos e na proposição de modelos ou manuais de conduta para os enfrentamentos de crise. Ao contrário, busca-se aqui, como objetivo central do trabalho, compreender a elaboração e a simbolização das experiências de maneira a se ter subsídios para possíveis interpretações acerca do processo de enfrentamento do luto em situações de tragédias e crises, considerando seus desdobramentos da esfera individual e subjetiva para as práticas coletivas, efetivando mudanças e reorganizações entre os atingidos.

Encontramos, então, nas contribuições psicanalíticas um valioso recurso para a compreensão de tais vivências, por articularem a dimensão individual e coletiva, superando a clássica dicotomia sobre o homem e a sociedade no âmbito das Ciências

Humanas e Sociais. Muito embora exista certa resistência na utilização da obra freudiana para possíveis interpretações sociais, haja vista o risco de também se incorrer na “psicologização” de questões complexas, como os casos de tragédias, por articularem elementos históricos, culturais, econômicos, políticos e sociais, entendemos que seria impossível desvincular a maneira como se configuram os sujeitos enquanto unidade psíquica e sociológica das variáveis que articulam as próprias questões socioculturais. Para Freud (1996b, p. 77),

algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.

A utilização da Psicanálise para interpretar fenômenos coletivos não é recente. Desde os teóricos da Escola de Frankfurt, ainda na década de 1930, que buscavam compreender a mobilização da coletividade junto ao crescente nazifascismo na Europa, que culminou na Segunda Grande Guerra, até autores franceses que buscavam ampliar as formas de discussão dos fenômenos psicossociais na década de 1970, com a chamada Sociologia Clínica ou Psicossociologia, o diálogo entre diferentes campos do conhecimento se mostrou importante. Trata-se de um meio de não minimizar a complexidade dos objetos de estudos nas Ciências Sociais, dadas as limitações advindas de concepções de um sujeito racional, que, por tanto tempo, fora a principal forma de se considerar o homem em suas várias manifestações, sejam objetivas (comportamentos e processos mentais), sejam subjetivas (afetos, sensações), seja no vínculo e na partilha de contextos (dimensão social), seja na forma de se criar uma significação para si e seu mundo (dimensão psíquica).

No campo dos Estudos Organizacionais, área das ciências sociais aplicadas que se voltam à compreensão dos princípios organizativos e dinâmicos da vida em coletividade, a inscrição da Psicanálise, por exemplo, aparece ainda de modo incipiente, mas não menos valioso. Desde Fernando Prestes Motta e Maria Ester de Freitas (2000), Christiane Godoi (2005) e Ana Paula Paes de Paula (2005) – em suas colocações sobre a dinâmica das fantasias e desejos subjetivos presentes na articulação entre sujeitos que materializam a estrutura e dinâmica organizacional – às produções de autores como Eugéne Enriquez (1983; 1997), Max Pagès (1993), Vincent de Gaulejac (2007) e

André Levy (2001), importantes expoentes da citada Psicossociologia, a consideração de aspectos inconscientes na forma como se organizam as coletividades e produzem seus modos de existência vai de encontro à hegemônica racionalidade como base para a compreensão da dinâmica socio-organizacional.

Priorizar a racionalidade no campo das organizações implica renunciar a uma parte importante para a compreensão de qualquer tipo de relação humana, uma vez que o homem não é composto só de uma mente que funciona como um relógio, mas sim um sujeito com corpo e mente inseparáveis. Entendê-lo de forma fragmentada significa não entendê-lo em sua complexidade (GODOI; CARGNIN; UCHOA, 2017, p. 600).

Consideramos, assim, a dimensão inconsciente como esfera possível de mobilização dos sujeitos sobre a rearticulação e o conseqüente enfrentamento das vivências dolorosas, com o trabalho de simbolização possível acerca de sua realidade em relação ao trabalho de luto, considerando suas perdas nas situações de tragédia. O desafio aqui tomado foi o de pensar como um processo tão subjetivo pode ser o elo entre os sujeitos e pode, por sua vez, desdobrar-se em ações de (re)significação e enfrentamento coletivo. Por acreditar ser um tema de relevância acadêmica e social, a pesquisa tentou alcançar, pela reflexão e pela discussão, não só os conceitos implicados no processo, como apresentados nas seções a seguir, mas como esses se enlaçam com os recursos engendrados pelo sujeito e pela coletividade e, assim, (re)pensar as contribuições da Psicanálise no campo dos estudos organizacionais e das Ciências Humanas e Sociais, em sentido interdisciplinar.

Para o alcance do objetivo aqui proposto, realizou-se um trabalho de natureza teórica e conceitual, buscando, a partir de obras clássicas da Psicanálise freudiana, uma possível interpretação ao fenômeno que tomamos como objeto investigativo. Espera-se que as construções aqui realizadas possibilitem-nos o “diálogo” com variados autores e campos do conhecimento, marca da interdisciplinaridade que se deve buscar ao abarcar temáticas de tamanha complexidade.

Reconhecemos também as limitações deste trabalho. Importante ressaltar que a elaboração e a escrita do artigo, inclusive, deram-se em momento de crise. Como já pontuamos, vivemos um momento de mudanças e restrições nas práticas cotidianas devido à pandemia de COVID-19, limitando-nos na maneira como se estabeleceu a estruturação do trabalho, a busca por dados empíricos para o que aqui se busca analisar

e a própria interlocução e o diálogo entre os autores, muito embora a ideia e o trabalho de pesquisa tenha se iniciado há algum tempo. Notamos, então, que a própria materialização do trabalho num artigo se traduz também como uma forma de enfrentamento da crise experienciada pelos autores, chamando-lhes à atenção os possíveis mecanismos inerentes aos processos de enfrentamento de crises e tragédias e que pudessem servir de reflexão para um possível entendimento de situações similares, como o que se apresentará nas seções a seguir.

## *2. A experiência de luto em tragédias: considerações freudianas sobre a importância das relações objetais e os investimentos psíquicos*

As tragédias provocam efeitos dolorosos e perdas muitas vezes irreparáveis aos sujeitos que as experienciam, desde entes queridos, vínculos grupais, empregatícios, danos de ordem material (econômica) e simbólica (valores, crenças e ideias), entre outros. Tais perdas repercutem no sentido de entristecer e em muito angustiar as pessoas em suas perspectivas de existência e manutenção das práticas cotidianas, motivo pelo qual a superação nas vivências de luto ganhou destaque nos campos em que a relação com a morte se faz temática presente (especialmente no campo da saúde), tais como Psicologia, Medicina, Enfermagem etc. Refletir sobre a superação do luto é, então, uma maneira (em si) de enfrentamento, pela via da construção do conhecimento e com foco na continuidade das práticas intersubjetivas e sociais, uma vez que tais adversidades são inerentes à condição de vida humana.

Famosa é a obra de Kubler-Ross (1985) acerca das etapas vivenciadas pelos sujeitos em seu processo de luto. Para a autora (que se amparou em estudos de casos de pacientes terminais ou com patologias de graves ameaças à vida), quando das experiências de luto e, por extensão, de perdas de objetos significativos aos sujeitos (pessoas queridas, posições valorizadas socialmente, objetos materiais etc.) existe um processo que envolve fases distintas e variáveis, segundo a temporalidade e a subjetividade dos envolvidos, mas que seguem uma ordem de relação com o mundo externo, a saber: a) negação; b) raiva; c) barganha; d) depressão; e) aceitação. Em cada fase há um

posicionamento possível dos impactos da iminente perda que acomete os sujeitos até a aceitação e ressignificação da vivência para a manutenção da integridade e da saúde mental. Com uma perspectiva interdisciplinar, Kubler-Ross chama-nos a atenção à necessidade de constante diálogo e respeito aos papéis assumidos por uma rede de sujeitos envolvidos num caso de perda específica, considerando entes da família, equipe médica, multidisciplinar etc. Mas acreditamos ser o real valor da obra a maneira como a dimensão subjetiva é tomada como primordial para entender e possivelmente interpretar uma temática tão complexa e por tanto tempo caracterizada como tabu no contexto ocidental.

Se há um valor incontestável em seus livros é o de colocar em relevo a subjetividade das pessoas, lidando corajosamente com ela. Não há teorias, estatísticas, esquemas, protocolos ou receitas de como lidar com a dor da perda, embora a autora admita a necessidade de haver um preparo dos profissionais para que eles possam atuar em tal função (AFONSO; MINAYO, 2013).

Não queremos aqui estabelecer um novo modelo explicativo que descreveria as situações de enfrentamento de crises em tragédia. Mas acreditamos ser necessário dar continuidade ao intuito de se resgatar a dimensão subjetiva como ponto fundamental ao entendimento de tal processo de enfrentamento das perdas provocadas em grandes tragédias humanas. Deparamo-nos, pois, com as considerações psicanalíticas sobre a temática do luto, com contribuições de diversos autores. Para este trabalho, entretanto, tomaremos a discussão de acordo com a teoria freudiana, pioneiro nas propostas da área e de grande impacto interdisciplinar em áreas para além do contexto de saúde.

Na perspectiva de Freud (1996a, p. 249), “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”, à perda de algo que possua o mesmo *status* afetivo para o sujeito que a experiência. Nas proposições do autor, o luto, longe de ser patológico, é um processo salutar para simbolização da(s) respectiva(s) perda(s) e para a manutenção da integridade psíquica dos sujeitos. As colocações do autor nos apontam a necessidade de se conhecer sobre a constituição psíquica dos sujeitos, o que nos remete à temática do narcisismo e do desenvolvimento sexual infantil nas trocas e nas interações com a realidade objetiva para que tenhamos maior clareza acerca das mobilizações objetais e como nos posicionamos em relação a elas.



O narcisismo aqui pontuado, longe de um caráter associado à perversão ou às perturbações psicológicas, é entendido como uma localização libidinal que ocupa e que reivindica um considerável espaço no desenvolvimento sexual humano. Nas palavras de Freud (1996c, p. 81), “o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva”. O narcisismo é compreendido como a libido direcionada ao ego em função de um afastamento dos interesses do mundo externo. Sobre a libido investida, Freud (1996c, p.83) nos esclarece que

1 Segundo Zimerman (2011, p. 67), em seus estudos sobre as características das pulsões, Freud enfatizou o fato de que certa quantidade de energia psíquica fica ligada a objetos externos, investindo-os. Para descrever esse investimento, ele empregou a expressão original *Besetzung Energie*, traduzido para o inglês como *cathexis* e para o português como *catéxis* ou *catexia*. *Bezetzen*, no original alemão, significa ocupar, garantir. Freud fazia a comparação com uma força militar de ocupação que pode ser deslocada para uma ou outra posição, segundo as necessidades. Na vigência da teoria econômica da psicanálise, Freud atribuiu grande importância à quantidade da *catéxis* investida nos objetos.

formamos a ideia de que há uma *catexia*<sup>1</sup> libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as *catexias* objetais [...] que podem ser transmitidas e retiradas novamente.

É perceptível aqui uma “antítese entre a libido do ego e a libido objetal” e é importante ressaltar a relação inversamente proporcional entre ambas, posto que “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (FREUD, 1996c, p. 83). Na relação entre narcisismo, objetos e libido, Freud (1996c, p. 92) faz uma importante ponderação:

Aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. [...] Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar [investir em objetos externos] a fim de não adoecer, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar [investir em objetos externos].

Durante o desenvolvimento sexual infantil e na constituição psíquica dos sujeitos, Freud nos esclarece que, aos poucos, essa energia empregada no ego (narcisismo) vai se abrindo às possibilidades de realização por meio de objetos de desejo e que vão se configurando como importantes possibilidades de satisfação humana. Na constituição da estrutura do aparelho psíquico, Freud nos aponta que é por meio da introjeção dos parâmetros morais e sociais, orientados pela função superegoica, que o indivíduo se mobiliza a responder, sob a forma de padrões de conduta aceitáveis e valorizados socialmente, às possibilidades de relação com o mundo externo.

Freud (1996c, p. 106) conclui que o

desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo

deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. Ao mesmo tempo, o ego emite as catexias objetivas libidinais. Torna-se empobrecido em benefício dessas catexias, do mesmo modo que o faz em benefício do ideal do ego, e se enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal.

Mas apesar das pontuações freudianas sobre o narcisismo e a libido e seus percursos durante o desenvolvimento sexual infantil, como responder ao trabalho realizado no luto, haja vista as impossibilidades que são dadas aos sujeitos em relação à perda de seus objetos externos? Em que consistiria esse trabalho de reinvestimento libidinal? O autor nos pontua que, após a perda do objeto amado, toda libido então investida deve ser retirada de suas ligações com o referido objeto, através de uma operação do ego. Alguma oposição a este desinvestimento é esperada, pois, “as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal” (FREUD, 1996a, p. 250). Assim, a existência do objeto perdido permanece psicologicamente durante algum tempo, exigindo um desligamento libidinal gradual com grande dispêndio de energia catexial, em que “cada uma das lembranças e expectativas [...] é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas” (FREUD, 1996a, p. 251). Destarte, o ego é absorvido temporariamente pelo trabalho de luto, o que resulta em inibição e desinteresse pelo mundo externo, mas, aos poucos, o mesmo vai sendo reestabelecido.

Campos (2013, p. 16) acrescenta à temática do luto que o processo não é simples, pois envolve não só o trabalho acima explicitado, como encontrar um objeto substituído, mas também “elaborar as fantasias [...] que são ativadas com a perda do objeto. O processo de luto é, portanto, um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças”.

Necessário explicitar aqui as diferenciações propostas por Freud (1996a) entre as vivências de luto e a melancolia, correlacionando-as em função de suas condições. Para o autor, em algumas circunstâncias a melancolia pode se constituir em uma reação à perda do objeto amado, assim como o luto. Entretanto, em sua peculiaridade, a perda na melancolia é de natureza mais ideal e menos objetiva; o melancólico pode estar ciente de sua perda, mas, segundo Freud (1996a, p. 251), “apenas no sentido de que sabe quem ele perdeu, mas não o *que* perdeu nesse alguém”. No que tange à questão do rebaixamento da autoestima – em contraposição ao luto, em que o mundo se torna

empobrecido e vazio –, na melancolia é o próprio ego que se empobrece e se esvazia; se no luto a perda sofrida é relativa a um objeto, no melancólico a perda é relativa ao seu ego.

Embora o luto e a melancolia comunguem em alguns pontos – seja no quadro de suas condições, seja, em parte, no trabalho realizado pelo ego – eles divergem fundamentalmente na capacidade de o ego se encontrar “livre” para a eleição de um novo objeto e reinvestimento pulsional. O que não faz desse luto um processo simples, rápido ou “indolor”. Mas, ainda que não haja um lapso de tempo prescrito idealmente, existe um ciclo, um trabalho a ser executado com início e fim.

Entretanto, Freud (1996a) adverte que ainda não conhecemos ou não compreendemos os meios econômicos psíquicos pelos quais esse trabalho se dá. Em uma conjectura, Freud (1996a) considera que o sujeito, ao se deparar com a perda/morte objetual, ou cujo ego é confrontado à possibilidade de partilhar do mesmo destino do objeto – perda/morte –, acaba sendo persuadido narcisicamente “pela soma das satisfações [...] que deriva de estar vivo, a romper sua ligação com o objeto abolido” (p. 261), em um processo tão lento e gradual que, em sua conclusão, todo o dispêndio de energia também se dissipa.

Diante do que foi até aqui exposto, não se considera o trabalho de luto como um processo de adoecimento ou algo a ser evitado, suprimido ou interrompido. Ele é necessário ao restabelecimento subjetivo e ao direcionamento do eu ao mundo externo e às possibilidades de manutenção das condições de existência. Ainda que o trabalho de ressignificação no luto promova, momentaneamente, um grande esforço do ego e algum desinteresse pelo mundo externo, é através da hipercatexia realizada e do escoamento libidinal que as perdas – reais e simbólicas – vão sendo (re)elaboradas e (re)significadas. Ao final desse ciclo, tem-se a possibilidade de reinvestimento pulsional em outros objetos afetivos. Assim, seria um equívoco considerar que os sujeitos enlutados por tragédias coletivas estariam, automaticamente, acometidos por um denso sentimento de desinteresse e/ou fechamento ao mundo externo, como no caso da melancolia, de modo coletivo e generalizado e do qual não há escapatória. Esta seria uma possibilidade, considerando os desdobramentos possíveis à forma como encontram possibilidades de se ressignificar, visto que, segundo a perspectiva freudiana, poderá ocorrer, na própria dinâmica psíquica do sujeito, mobilização para a reedição do eu e

novas configurações objetais que possam trazer-lhe alguma satisfação. A psicanálise aponta-nos, portanto, possibilidades interpretativas quanto às formas de superação do luto.

Entende-se, então, a partir da literatura freudiana, que o processo é subjetivo e, por conseguinte, singular. Paralelamente, é importante ressaltar que a tentativa de um enfrentamento e de alguma ressignificação coletiva não exclui uma ressonância e uma produção também individuais. Aqui entendemos que as individualidades impactam na forma como se organizam e se dinamizam as ações coletivas que, por sua vez, influenciam também nas possibilidades de ressignificações subjetivas. Talvez, a partir de uma dialética e por retroação, o trabalho de luto singular encontre em alguma prática/relação grupal uma possibilidade exitosa de elaboração, e isso, por conseguinte, retorne, resvale no plano individual e de enfrentamento singular, produzindo efeitos também exitosos.

Resta a tentativa de compreender os meios pelos quais, nos contextos de tragédias, alguns sujeitos enlutados se reúnem, agrupam-se de modo a enfrentar a dor da(s) perda(s) e ainda ressignificá-la(s) coletivamente. Freud (1996c) parece indicar um possível caminho quando afirma que, além das catexias objetais, o ideal do ego – instância que anseia por responder às pressões do superego dadas as normatividades sociais – desvela questões que contribuem para compreensão da psicologia de grupo.

É a partir da reflexão e do entendimento do que Freud chamou de psicologia social ou de grupo que encontramos algumas hipóteses – ou mesmo novos questionamentos – para o problema de pesquisa aqui proposto, qual seja: como (ou por que) alguns sujeitos se articulam, engajam-se em grupos durante a vivência do trabalho de luto e/ou quais “mecanismos” psíquicos estariam envolvidos?

### *3. A importância da coletividade no trabalho de enfrentamento das perdas e do luto: o lugar do grupo*

Freud (1996b), ao introduzir o tema sobre os grupos, explicita que, embora pareça pertinente o contraste entre psicologia individual e psicologia social ou de grupo, esse

contraste é pouco nítido, uma vez que somente em circunstâncias muito específicas e de exceção a psicologia individual se encontra em condição de não considerar (ou desprezar) o sujeito em sua relação com seu entorno, com o meio social.

O sujeito, ainda que tomado – ouvido e interpretado – de forma singular pela Psicanálise, considerando que essa empreende uma tentativa de compreensão do “sujeito do inconsciente”, constitui-se em suas trocas com a realidade histórica e social. Assim, fenômenos sociais são temas, inclusive, de interesse e pesquisa psicanalíticos, que buscam a interdependência, a complementariedade entre “atos mentais sociais e narcisistas” (FREUD, 1996b, p. 77). A psicologia social ou de grupo não fere o domínio da psicologia individual, não sendo necessário diferenciá-las ou ainda distanciá-las<sup>2</sup>, segundo o autor. A psicologia social ou de grupo se interessa, assim, pelo sujeito como membro de um grupo organizado (raça, nação, casta, profissão, instituição, multidão etc.), com tempo, espaço e intuito, de certa forma, estabelecidos.

A partir de autores como Gustave Le Bon e Willian McDoughall, Freud (1996b) destaca como relevante o impacto que o grupo (ou a vida grupal) exerce sobre o psiquismo, provocando alterações interessantes, tais como a elevação da emoção/afetividade e a inibição coletiva do funcionamento intelectual (uma regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, observável em crianças). Na tentativa de alguma elucidação sobre a vida grupal, Freud (1996b, p. 96-97) se apoia no conceito de libido:

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia [...] daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra “amor” [...], amor sexual, [...] amor próprio, [...] amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção por objetos concretos e ideias abstratas. [...] Tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou, para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal.

Dessa forma, dois conceitos se mostram importantes e fecundos na reflexão e na compreensão de mecanismos de enfrentamento coletivo: a) a libido, compreendida como a energia que permeia o amor e os laços emocionais e sociais – ponto também central no entendimento quanto aos atravessamentos possíveis nas situações de luto; e b) a identificação, que parece apontar para o que seria o elo entre os que se amam e estão enlaçados emocional e socialmente.

<sup>2</sup> A afirmação é controversa, dado o desenvolvimento histórico da Psicologia Social após as colocações de Freud em sua *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Para os psicólogos sociais, especialmente os que se orientam por abordagens críticas, há nítidas diferenças entre as proposições da chamada psicologia individual (que busca explicar inclusive os fenômenos sociais a partir da dinâmica psíquica individual) e da psicologia social (que busca articular pontos de interseção entre a subjetividade e as práticas coletivas). Não dissertaremos sobre o dilema neste ensaio, apenas pontuamos que, desde Freud, há tentativas de interseção entre individualidade e coletividade para a compreensão e a interpretação de fenômenos psicossociais.

A identificação, sem incorrer em reducionismos e longe de esgotar suas possibilidades, é um conceito basilar em Freud sobre o qual se dá a constituição do sujeito. Para Freud (1996b, p. 109), “a identificação é conhecida pela Psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” e pode ser expressa por três formas:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. Já começamos a adivinhar que o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum [...] (FREUD, 1996b, p. 111).

Algumas amarrações parecem, então, possíveis, considerando os conceitos psicanalíticos a que recorreremos e os “mecanismos psíquicos” que possibilitam a emergência dos fenômenos grupais por identificação, na expectativa de compreender a articulação e o engajamento coletivos de alguns enlutados.

Freud (1996b) recorre à libido (ou energia que abarca tudo o que pode ser compreendido por “amor”) e à identificação (ou o elo, “o laço emocional” entre pessoas), uma vez que elas são intrinsecamente relacionadas e, assim, estariam nas bases da relação com os objetos externos ou nas bases das relações amorosas/dos laços emocionais. Nas experiências de tragédia poderíamos supor, então, que alguma identificação se estabelece entre os sujeitos, considerando seus papéis e suas práticas sociais, como trabalhadores ou funcionários, moradores de uma mesma comunidade, pais, filhos etc. Se num primeiro momento da dinâmica social (antes das vivências em tragédias) os sujeitos se caracterizariam como uma espécie de “grupamento” por similaridade nos papéis, quando da vivência da experiência trágica uma nova forma de articulação se faz possível, agora no lugar de vítima da ação trágica. A identificação aqui se daria pela partilha da situação de luto, considerando suas perdas, o que tem potencial para torná-los, agora, um grupo – unidade psicossocial complexa caracterizada pela dinâmica transferencial entre sujeitos, segundo Pichon-Rivière (2000) –, dada a criação de vínculos por conta da realidade e do evento traumático partilhado.

O evento trágico e coletivo, então, impõe-se e se apresenta, escancarando a dimensão desse outro que também perdeu algo/alguém afetivo. A tragédia é o ponto comum que perpassa a experiência do luto singular dos sujeitos acometidos e faz “saber desse outro”, que também faz “saber de si mesmo”. Daí a emergência de uma configuração vincular por identificação na(s) perda(s) e no luto, com a possibilidade de novos laços emocionais e sociais, que permitam alguma simbolização singular e/ou coletiva.

A configuração vincular que se forma em função da experiência trágica já seria, então, um possível objeto substitutivo ao objeto perdido, quando da vivência de perda e luto. No grupo, os sujeitos enlutados encontram possibilidades de satisfação e redirecionamento libidinal (ainda que parcial), estratégia que amenizaria o sofrimento em função da perda e, gradativamente, promoveria ou a ressignificação da experiência, em alguns casos sob a forma de uma causa, uma luta coletiva, ou a estagnação do sujeito em relação à perda objetal.

Parte-se aqui do pressuposto que o compartilhamento do evento trágico e coletivo (mas não só ele) faz emergir nos sujeitos acometidos o que Freud (1996b) chamou de qualidade emocional comum partilhada nos grupos. Alguns desses sujeitos, diante das perdas de seus objetos afetivos/libidinais (reais ou simbólicos), dão início ao trabalho de luto singular e, após as operações de hipercatexia e persuasão narcísica de rompimento do ego com o(s) objeto(s) perdido(s), podem apresentar alguma disposição – pela persuasão, também, do ideal do ego – para uma nova eleição objetal, agora, social. O processo descrito associado à similaridade do evento e da(s) perda(s) pode promover ou suscitar nos sujeitos enlutados uma identificação grupal. Seria criada, assim, uma noção de pertencimento ou identidade comum à experiência trágica, fomentando as trocas e as aproximações entre sujeitos para a configuração de uma coletividade específica. Isso não significa que a eleição desse novo objeto – pela identificação com a coletividade – seja generalizada, nem que seja suficientemente eficaz em se tratando da relação do ego para com o objeto perdido. O que apontamos aqui é uma possibilidade em relação à ideia de manutenção psíquica, pela via dos mecanismos defensivos que auxiliam na manutenção do equilíbrio entre a satisfação e as dolorosas imposições do real.

Um dos pontos fortemente trabalhados por Freud (1996b) em sua psicologia de grupos se relaciona à figura da liderança e seu poder de influência sobre a coletividade,

uma vez que os sujeitos enlutados são – por identificação grupal – enlaçados emocionalmente e condensam a pulsão/energia libidinal desligada e dispersa, talvez, em uma liderança ou em um novo objeto, agora grupal, social. A liderança seria, então, o agente catalisador dessa dinâmica transferencial dos afetos positivos da grupalidade em função do que ela deseja objetivar em relação à dor de sua perda num evento traumático, por exemplo. O papel das lideranças é fundamental na mobilização coletiva, pauta também discutida em áreas como as Ciências Sociais e Políticas, mas escapa ao escopo deste trabalho descrever o processo de influência das lideranças na coletividade. O que se quer aqui enfatizar, enquanto possibilidade interpretativa, é que, uma vez tomado o grupo como possível objeto de satisfação e (re)endereço libidinal, as possibilidades de enfrentamento e superação das perdas poderão encontrar na vida coletiva uma importante ferramenta para a manutenção da saúde mental e a consequente superação e reorganização dos sujeitos em suas condições de existência, o que não se trata de uma única saída possível, pois, como mencionamos, há formas bastante singulares de significação da experiência.

#### *4. Outros mecanismos de enfrentamento e seus desdobramentos em ações coletivas*

Parece-nos pertinente, então, entender que a identificação grupal seja um dos pontos fundamentais para o entendimento acerca do possível êxito no enfrentamento das perdas vivenciadas em tragédias (mas nem por isso, o único, dadas as possibilidades de significação que são subjetivas, como já apontamos anteriormente). Acolhido e vinculado a uma nova realidade coletiva, o sujeito buscaria responder às possibilidades de reinvestimento libidinal nas práticas grupais em função do ideal de ego (exigências do superego às normas sociais) partilhado e que orienta a coletividade. Mas como transpor a impossibilidade de satisfação em relação ao objeto perdido na experiência de luto? A identificação aproxima sujeitos em função da experiência partilhada, mas não nos parece ser a única forma de mobilização para o enfrentamento do luto. Se por um lado a grupalidade em si se torna um possível substituto ao objeto perdido, como enfatizamos anteriormente, por outro lado há parte do investimento do ego que carece



de outras vias de transferência em função do que a grupalidade impõe aos instintos sexuais e à normalização grupal. Daí que o conceito de sublimação se apresenta como uma possibilidade de entendimento para a exitosa superação da experiência trágica.

De acordo com Mendes (2011), embora a sublimação seja um conceito relevante para a Psicanálise, não existe um ensaio específico em que Freud trate exclusivamente do tema. Todavia, a autora promove um rastreo pela obra freudiana no intuito de promover uma compilação conceitual. Para a autora, a sublimação, que é um dos destinos possíveis para a pulsão (além do recalque, reversão em seu oposto, retorno em direção ao eu), ocorre quando a pulsão é desviada visando um novo alvo, considerando objetos socialmente valorizados.

Zimerman também (2011 p. 396) nos aponta que

[...] nas suas primeiras formulações, Freud utilizou esse termo para designar alguma atividade humana bem sucedida, principalmente no campo artístico, no trabalho intelectual e de obtenção de reconhecimento público em geral, que aparentemente não teria nenhuma relação direta com a sexualidade. Essas pessoas, porém, retiram a energia e capacidade criativa de trabalho da pulsão sexual, dessa forma sublimando-a.

A sublimação seria um mecanismo a partir do qual a pulsão encontraria, segundo as diretrizes dadas pela grupalidade, endereçamento a alvos que pudessem corresponder ao objeto sexual suprimido, agora sob a forma de práticas ou produtos socialmente aceitos e valoráveis. A pulsão busca formas de satisfação na medida em que o sujeito não mais se deixa levar por questões narcísicas primárias infantis, mas a partir da operação superegoica, em conformidade à normalização social (MENDES, 2011).

Depreende-se daí a hipótese de que a sublimação possa, a partir do processo de luto e de (re)investimento pulsional/libidinal, ser uma defesa psíquica capaz de constituir novos objetos (em substituição ao objeto perdido) com valor social e de transcendência, não só para um sujeito, mas para vários (que se identificam em seu enlutamento/enfrentamento) e para a sociedade em geral. Não se quer aqui apontar que tal hipótese tenha valor generalizável, mas considerar que há na sublimação uma força coletiva, de aglutinação intersubjetiva capaz de ressignificar a dor dos envolvidos em eventos trágicos.

Torezan e Brito (2012) apontam que, no início da teorização freudiana, apesar de a sublimação estar relacionada à atividade artística, ela também estava articulada “à

construção de ‘caráter’ do homem” (p. 247). A isso acrescentam, caminhando historicamente, o “eu [ego] como mediador necessário para o processo sublimatório, e agora envolvendo também o conceito de identificação” (p. 250), destacando ainda a importância da sublimação na sociedade por “seu caráter de favorecedora do laço social” (p. 252).

Nos casos das tragédias que têm marcado o cenário nacional, há exemplos de práticas de constituição de grupalidade (por identificação) e práticas de sublimação (atividades socialmente valorizadas) que ilustram o reposicionamento dos sujeitos em relação às dolorosas experiências de perdas.

Na zona oeste do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, após o evento que ficou conhecido como o *Massacre de Realengo*, ocorrido em 2011 na Escola Municipal Tasso da Silveira, familiares e amigos de algumas vítimas – 12 adolescentes mortos, além de 11 feridos – se organizaram em torno da Associação dos Familiares e Amigos dos Anjos de Realengo (AFAAR) e se mobilizaram para a criação de uma página no Facebook: *Os anjos de Realengo*. Tanto a referida página quanto o *blog* da AFAAR investem em trocas informacionais, visando à conscientização sobre vários temas (possivelmente) relacionados à motivação do ataque (dentre os quais *bullying*, violência escolar etc.), a veiculação de fatos e acontecimentos similares, a busca por melhorias institucionais e por justiça e a prevenção de novos ataques<sup>3</sup>. Entende-se aqui que essa e outras iniciativas parecem apontar para uma tentativa de enfrentamento e elaboração conjuntos, na expectativa, talvez, da hipercatexia para promover o gradual desligamento libidinal e a nova eleição objetal – a causa/a luta social – como uma (re)significação nos planos individual e coletivo.

Outras tragédias também têm na mobilização de práticas coletivas importantes formas de enfrentamento de perdas. Em Minas Gerais, por exemplo, o rompimento de uma barragem com rejeitos de minérios provocou a destruição de alguns distritos em Mariana (MG), em 2015, especialmente os de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, promovendo a morte de 19 pessoas e o êxodo para a cidade da população local, que ainda se encontra alojada entre hotéis e casas alugadas. Ademais, a ruptura da barragem atingiu outras cidades e, inclusive, o estado do Espírito Santo. Outro evento trágico se deu em Brumadinho (MG), em 2019, promovendo a morte de cerca de 270 pessoas, entre funcionários efetivos e terceirizados da Vale S.A., comunidades locais e turistas

<sup>3</sup> Para maiores informações, consultar a página no Facebook: Os anjos de Realengo. Disponível em: <https://www.facebook.com/osanjos.derealengo>. Acesso em: 15 fev. 2020.

que estavam na região e, ainda, alterando ou exterminando todo o ecossistema, com um rastro de proporções quilométricas.

Para os fins de indenização e reparação dos danos – materiais, ambientais e sociais – nos distritos de Mariana (MG), os atingidos contam com a Fundação Renova, estabelecida por meio de um Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC), assinado entre Samarco, Vale e BHP, os governos federal e dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, além de uma série de autarquias, fundações e instituto<sup>4</sup>. Entretanto, há pouca ou nenhuma participação direta dos atingidos nas estratégias e nas decisões. Os atingidos, em sua grande maioria, sofreram (e ainda hoje sofrem) nesse contexto de perdas de ordem material (casas, pertences, empregos e/ou meios de subsistência etc.) e de ordem simbólica (laços afetivos, os hábitos domésticos, as relações sociais, etc.). A retirada de sua atuação nas decisões que impactam (e impactarão) suas vidas se desdobra em um possível aumento da tensão e do sofrimento gerados pela tragédia, o que incorre na impossibilidade de se haver com as múltiplas perdas e que pode, por sua vez, embargar os respectivos processos de luto, (re)significação, produção de (novos) sentidos e redirecionamento/reinvestimento libidinal. Nesse caso, uma leitura possível é a de que se mantém contínua a dor e a fragilidade dos envolvidos quanto ao processo de enfrentamento e superação do evento trágico e traumático, precarizando suas formas de existência. Noutras palavras: com a participação ativa e criativa dos envolvidos, seria possível não somente a identificação deles como promotores da articulação de subjetividades na construção de um ente coletivo (grupalidade), mas também a sublimação como possível mobilizadora de práticas de ressignificação de sua condição de existência, psíquica e social.

Já em Brumadinho (MG), diante dos acontecimentos e das perdas – um contingente de vidas humanas expressivamente maior –, foi criado o coletivo *Eu Luto – Brumadinho Vive*. Através do referido coletivo, que conta com uma página de mesmo nome no Facebook, a população local se organizou em rede para apoiar os atingidos pelo rompimento da barragem em Córrego do Feijão, buscando: a) assessorar as vítimas e seus familiares; b) cuidar de questões relacionadas ao meio-ambiente e à salvaguarda das histórias e das memórias das comunidades atingidas; c) subsidiar a conscientização e a luta pelos direitos da população etc., minimizando assim o sofrimento no enfrentamento da tragédia e suas consequências. Como no caso da página *Os anjos de Realengo*,

<sup>4</sup> Informação retirada do site institucional da Samarco S.A. Disponível em <https://www.samarco.com/renova-foundation/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

a página do grupo *Eu luto – Brumadinho Vive* também é um meio de comunicação com a comunidade e de trocas informacionais que visam à conscientização e à luta pelos direitos dos atingidos em Brumadinho e, porque não, uma forma de lidar com as tantas perdas – humanas, sociais e ambientais. Sua articulação em rede parece estar em consonância com a discussão aqui proposta, ampliando o alcance das muitas histórias de perdas e lutos, favorecendo assim as possibilidades de enfrentamento e construção de (novos) sentidos individuais e coletivos<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Para maiores informações, consultar a página no Facebook: *Eu luto – brumadinho vive*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/eulutobrumadinhovive>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Aqui uma ponderação se faz importante. Antes do evento trágico e disruptivo, Brumadinho tinha por vocação econômica as atividades de mineração e turismo, e alguns de seus habitantes mantinham rotinas rurais, como o cultivo e o comércio de hortaliças. As possibilidades de ascensão profissional e/ou mobilidade social estavam, muitas vezes, relacionadas à contratação pela Vale S.A. ou outra mineradora. A cidade era reconhecida por seu potencial extrativista e pelo museu de arte contemporânea Inhotim – patrocinado pela Vale S.A. Assim, a tragédia afetou drasticamente não só a rotina dos habitantes, mas seus sistemas de crenças e sua constituição subjetiva. Aquilo que foi culturalmente estabelecido como algo a ser desejado e conquistado – para onde o ideal do ego, formado pelas influências da pressão normativa social, deveria apontar – rapidamente foi transformado no causador da maior tragédia humana e ambiental daquela região. Diante deste contexto, é possível supor que tal evento promova, para além do luto pelas perdas imediatas, reconfigurações do próprio sistema de crenças e normalizações sociais que mobiliza o estabelecimento do ideal de ego nos sujeitos locais.

Outro exemplo a ilustrar nossos apontamentos é o caso de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul, uma cidade de porte médio e que ganhou notoriedade e grandes repercussões na mídia nacional e internacional com o incêndio ocorrido na Boate Kiss, na madrugada de 27 de fevereiro de 2013. Tal evento ocasionou a morte de 242 pessoas e mais de 600 feridos, em sua maioria jovens universitários que promoviam uma festa. Diante desse cenário e com os desdobramentos dos fatos – que apontaram erros, negligências e omissões –, alguns pais se mobilizaram e criaram a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), na busca por esclarecimentos, justiça (responsabilização e criminalização dos envolvidos) e prevenção de tragédias semelhantes – com o aumento na segurança e na fiscalização

6 Para maiores informações, consultar a página no Facebook: Memorial às Vítimas da Tragédia em Santa Maria-RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/category/Community/Memorial-%C3%Aos-V%C3%ADtimas-da-Trag%C3%A9dia-em-Santa-Maria-RS-491967614177999/>. Acesso em: 20 fev. 2020.

de boates. A associação, também com página no Facebook, investe na circulação e na troca de informações, com atualizações e cobrança de medidas, além de homenagear as vítimas – sobreviventes ou não – da tragédia. A associação tem projetos diversos que possibilitam à comunidade elaborar suas perdas e ressignificá-las através da “proteção” exercida junto aos demais jovens universitários locais<sup>6</sup>.

A partir dos exemplos supracitados, nota-se, assim, um ciclo possível nesse enfrentamento do luto resultante de eventos trágicos que parece ser frequente e atrelado ao trabalho de ressignificação dos sujeitos, em sentido pessoal e coletivo, a saber:

a) o luto é variável e doloroso, experienciado diferentemente por cada sujeito, mas necessário para que novos arranjos objetivos se façam possíveis em relação à articulação do eu com o mundo externo. É a fase em que o real invade o sujeito, que necessita de se reeditar em função da manutenção da vida;

b) os laços e os vínculos estabelecidos entre sujeitos que partilham de situação similar (por identificação) podem servir de substitutivo aos objetos perdidos nas situações trágicas, sendo o próprio grupo um suporte, uma nova realidade à qual se voltam os sujeitos em seu trabalho de reconstituição e enfrentamento do evento traumático;

c) nos grupos, pelo desenvolvimento de objetivos partilhados e pelas mobilizações do ideal do ego e das pressões normativas sociais, estabelecem-se práticas de sublimação, que reendereçam a libido para ações valorizadas socialmente e amenizam o sofrimento, auxiliando os sujeitos na ressignificação de si e de suas perdas para que haja manutenção de suas condições psicossociais de existência.

Compreender todo esse ciclo e sua dinâmica seria, então, um primeiro passo para que se intentem demais ações de intervenção e organização junto às coletividades envolvidas em desastres e tragédias. Não partimos aqui do pressuposto de que não seriam necessárias ações diversas de demais agentes sociais no trabalho de suporte ao enfrentamento de eventos trágicos, dadas as mobilizações subjetivas que seriam, numa perspectiva freudiana, inerentes à manutenção da vida e da integridade psíquica dos sujeitos afetados pelos infortúnios de uma tragédia. Pelo contrário: entendemos que a compreensão do processo subjetivo seja um primeiro passo para que ações governamentais e não governamentais possam se estruturar, no sentido de incitar maior reflexividade e engajamento dos grupos de apoio às vítimas de desastres, como forma de intervenção e enfrentamento no tocante à superação e à ressignificação de suas condições de existência.

Não se quer aqui também estabelecer que a leitura que se apresenta é a única forma de compreensão dos eventos supracitados, considerando as articulações entre teoria e realidade, mas uma possibilidade interpretativa em relação à complexidade do fenômeno tomado como objeto de estudo neste trabalho. Novas leituras são possíveis e esperamos abrir caminhos para novos diálogos, novas construções que possam se traduzir como recursos concretos de enfrentamento e mudança social para aqueles que vivenciam situações trágicas.

Como contribuição aos estudos organizacionais e às Ciências Humanas e Sociais, pontua-se que há nos sujeitos uma força inerente ao trabalho de reorganização e estruturação de dinâmica processual e interativa com a realidade objetiva, mas para que essa mobilização à mudança possa se expressar, são necessários recursos que proporcionem viabilidade quanto à superação das adversidades decorrentes dos desastres e das tragédias que trazem cerceamentos à vida dos acometidos por eventos trágicos. A dinâmica sócio-organizacional depende de elementos diversos e complexos, que emergem das trocas intersubjetivas e que se objetivam sob a forma de normas, padrões de conduta, racionalidades e institucionalidades sem que se excluam as pressões de natureza inconsciente. A compreensão do processo aqui descrito, a partir das aproximações teóricas e dos exemplos que nos foram possíveis, são o início para que novas ações possam se estruturar e auxiliar na superação dos problemas advindos das situações de tragédias, considerando o poder de ação dos sujeitos (individuais e coletivos) envolvidos no processo.

Esperamos que as políticas públicas possam também se atentar para a complexa situação dos enfrentamentos de crises em tragédias e desastres, promovendo recursos para o trabalho de pesquisa e intervenção que garantam a efetivação dos discursos de responsabilidade social nas práticas de mudança e superação das perdas, para além de ações assistencialistas. As evidências de que as práticas grupais são importantes mecanismos defensivos para a superação das perdas em contextos de desastres devem ser tomadas como elementos de sensibilização para o compromisso social. Interpretamos aqui uma provável dinâmica psicossocial que se expressa junto aos sujeitos envolvidos em situações de desastres. A partir de então, a criação de projetos e o estabelecimento de formas de gestão e implementação das práticas de mudança e enfrentamento devem dar continuidade às ações de autonomia e desenvolvimento das coletividades, em especial as mais vulneráveis.

## 5. Considerações finais

Como explicitamos na introdução deste artigo, não é intuito aqui apontar um modelo de enfrentamento, mas perceber possibilidades interpretativas do trabalho de vivência e elaboração das perdas e dos lutos e seus desdobramentos para práticas sociais que possam auxiliar na reconfiguração dos sujeitos em prol da saúde, do bem-estar e da manutenção de suas redes de apoio e suas organizações sociais elementares à vida concreta.

Tendo como base a Psicanálise, mais especificamente obras clássicas de Freud, este artigo objetivou compreender como alguns processos de enlutamento em contextos de tragédias e desastres se desdobram em ações coletivas de enfrentamento e ressignificação de perdas. O trabalho de luto implica, inicialmente, uma nova eleição objetal de investimento pulsional na qual o ego destina parte de sua libido para objetos externos. Essa operação do ego no trabalho de luto acontece em nível individual, mas resvala na esfera coletiva quando, por ocasião de uma tragédia humana de proporções significativas, alguns sujeitos têm seus objetos retirados e se envolvem em processos de identificação grupal, em torno de uma causa coletiva de enfrentamento e (re)significação simbólica.

Os eventos nacionais ilustrados neste trabalho mostram algumas estratégias coletivas diante das respectivas perdas e, a partir delas, foi possível uma aproximação conceitual (considerando as proposições freudianas) com a hipótese abarcada na produção deste trabalho: há um ciclo vivenciado pelas vítimas de desastres e tragédias, mobilizado inconscientemente, que as orienta em seu processo de ressignificação de si e de seus contextos para a superação dos nefastos efeitos de eventos traumáticos. Esse ciclo envolve mecanismos de reendereço libidinal em função das perdas vividas e encontra na grupalidade importante recurso para sua efetivação no processo de enfrentamento do luto. É em meio às novas configurações vinculares possíveis que, por identificação, aglutinam-se os sujeitos e tomam a realidade partilhada (o grupo) como um possível substituto ao que lhe fora suprimido em função das fatalidades. Além disso, a própria dinâmica grupal auxiliará na mobilização subjetiva, a partir da emergência de novos elementos de crenças, símbolos e normalizações, para que, por meio de práticas de sublimação, ações e produções individuais e coletivas possam objetivar

a satisfação libidinal e a reorganização psicológica e social dos envolvidos em prol da manutenção de suas condições de existência.

Não se quer aqui defender a ideia de que tal ciclo, por sua dinâmica intrínseca à psique humana e às articulações interpessoais e intersubjetivas, seja suficiente para que haja a reestruturação da ordem e das condições concretas de existências dos envolvidos. A compreensão desse processo é apenas um elemento auxiliar para que a sociedade civil, as empresas, as organizações sociais públicas e não governamentais possam trilhar projetos de gerenciamento de crises e intervenções, assim como políticas públicas que promovam, a partir da participação ativa dos envolvidos, mudanças significativas em relação aos nefastos efeitos de desastres e tragédias.

Houve limitações quanto ao alcance deste trabalho teórico, como mencionado na introdução, pela situação de pandemia de COVID-19, limitando-nos quanto à apreensão de dados diretos junto a sujeitos que experienciaram os eventos aqui descritos, considerando suas histórias de vida, por exemplo. Mas acreditamos ser possível, pelas ilustrações aqui propostas, validar as aproximações teóricas tentadas em função do estabelecimento de possíveis práticas de intervenção junto aos atingidos em desastres e tragédias. Ressaltamos a necessidade de novos estudos acadêmicos que contemplem a temática aqui abordada e esperamos poder contribuir na articulação entre áreas do conhecimento em favor da complexidade do que aqui tomamos como objeto de estudo.



## Referências

- AFONSO, S. B. C.; MINAYO, M. C. S. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2729-2732, set. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900028>. Acesso em: 10 maio 2020.
- CAMPOS, E. B. V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, Assis, v. 12, n. 1, p. 13-24, jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n1/a03.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.
- ENRIQUEZ, E. *A organização em análise*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: Psicanálise do Vínculo Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996a [1917]. v. XIV. p. 245-265.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996b [1921]. v. XVIII. p. 75-137.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996c [1914]. v. XIV. p. 77-81.
- GAULEJAC, V. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- GODOI, C. K. *Psicanálise das organizações: contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais*. Itajaí, SC: Universidade do Vale do Itajaí, 2005.
- GODOI, C. K.; CARGNIN, F. R. G.; UCHOA, A. G. F. Manifestações inconscientes na relação líder-liderado: contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais. *Cad. EBAPÉ.BR*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 599-614, jul. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395164894>. Acesso em: 12 maio 2020.
- KUBLER-ROSS E. *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.
- LÉVY, A. *Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise de sentido*. Belo Horizonte: Autêntica/Fumec, 2001.

MENDES, E. R. P. PS – Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jun. 2020.

MOTTA, F.; FREITAS, M. E. Apresentação. In: MOTTA, F.; FREITAS, M. E. (Org.). *Vida psíquica e organização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 7-9.

PAES DE PAULA, Ana Paula. Fernando Prestes Motta: Em busca de uma abordagem psicanalítica das organizações. *Revista Organização & Sociedade*, v. 12, n. 34, jul./set. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302005000300001>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PAGÈS, Max *et al.* *O poder das organizações*. São Paulo: Atlas, 1993.

PICHON-RIVIÈRE, E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOREZAN, Z. F.; BRITO, F. A. Sublimação: da construção ao resgate do conceito. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 245-258, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000200003>. Acesso em: 22 jun. 2020.

ZIMERMAN, D. E. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2011.